

Francisca Geny Lustosa
Fernando Bomfim Mariana
(Organizadores)

**DIVERSIDADE,
DIFERENÇA E
DEFICIÊNCIA:**
ANÁLISE HISTÓRICA E
NARRATIVAS CINEMATOGRAFICAS



Fortaleza
2017

Diversidade, diferença e deficiência: análise histórica e narrativas cinematográficas © 2017 Copyright by Francisca Geny Lustosa e

Fernando Bomfim Mariana

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Todos os Direitos Reservados

Edições UFC

Av. da Universidade, 2932 – Benfica – Fortaleza – Ceará

CEP: 60020-181 – Tel./Fax: (85) 3366.7766 (Diretoria)

3366.7499 (Distribuição) 3366.7439 (Livraria)

Site: www.editora.ufc.br – E-mail: editora@ufc.br

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Moacir Ribeiro da Silva

REVISÃO

Isabel Ferreira Lima

NORMALIZAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Perpétua Socorro Tavares Guimarães – CRB 3/801

PROGRAMAÇÃO VISUAL E DIAGRAMAÇÃO

Carlos Raoni Kachille Cidrão

CAPA

Valdiano Araújo Macedo

Catálogo na Fonte

Bibliotecária: Perpétua Socorro Tavares Guimarães CRB 3 801–98

Diversidade, diferença e deficiência: análise histórica e narrativas cinematográficas / Francisca Geny Lustosa, Fernando Bomfim Mariana [organizadores]. – Fortaleza: Edições UFC, 2017.

235 p.

ISBN: 978-85-7282-702-7

(Coleção História da Educação)

1. Educação inclusiva 2. Formação de professores 3. Pedagogia da diferença 4. Diversidade 5. Deficiência. I. Lustosa, Francisca Geny II. Mariana, Fernando Bomfim III. Título

CDD: 371.952

Maria Montessori e seu Legado Teórico para a Educação Especial:

Uma Vida Dedicada às Crianças¹

Francisca Geny Lustosa (UFC)

Minha vida foi empreendida na pesquisa da verdade. Pelo estudo da criança eu investiguei a natureza humana em suas origens, tanto no Oriente quanto no Ocidente, e embora haja quarenta anos desde que comecei meu trabalho, a infância parece para mim uma fonte infundável de revelações e – permitam-me dizer – de esperança.

Maria Montessori (trecho de carta de 1947 destinada a todos os governos).

Introdução

O artigo aqui apresentado intenciona a reconstrução da trajetória de Maria Montessori (Maria Tecla Artemesia Montessori, 1870-1952), médica e educadora italiana que contribuiu de forma pioneira, no início do século XX, para a evolução dos estudos na área da Educação Especial. Para tanto, sua vida e obra serão focos desta tessitura textual, realizada por intermédio de duas fontes distintas: uma historiografia da educação selecionada (CAMBI, 1999; SAVIANNI, 2008; FASSA, 2011; RÖHRS, 2010, 2013) e a produção cinematográfica *Maria Montessori: una vita per i bambini*, dirigida por Gianluca Maria Tavarelli, em 2007².

O referido filme, por sua base de pesquisa biográfica, tem aqui o valor de documento-fonte, oferecendo a articulação de vários elementos: 1) pressupostos médicos, posicionamentos políticos e filosóficos; 2) a vida pessoal e a conjuntura histórica de seu tempo,

¹ Uma versão primeira deste artigo, sob o título “Maria Montessori: uma vida dedicada às crianças”, foi publicado em: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia *et al.* *Afeto, razão e fé: caminhos e mundos da história da educação*. Fortaleza: Edições UFC, 2014. p. 501-528.

² Título em português: *Maria Montessori – uma vida dedicada às crianças*. País de origem: Itália. Gênero: drama. Tempo de duração: 108 minutos. Ano de lançamento: 2007. Direção: Gianluca Maria Tavarelli. O filme pode ser assistido também em: <<http://saudeeadeus.com.br/filme1355.htm>>.

em imagens, cores e movimento – elementos do cinema, como produção cultural. Enquanto linguagem e saber, o cinema permite uma “reflexão não apenas subjetiva, mas também social” (NOVA; MAIA, 2008, p. 65): “força do simbólico dentro da narrativa fílmica, força que a história sublinha com a significação dada pela direção”, em sua montagem.

Nesse sentido, optamos por articular a apresentação de alguns trechos do filme, que são alvo de análise, com o intuito de divulgá-lo no meio acadêmico, organizando uma breve cronologia da vida da personagem, a título de apresentação. Em complemento ao filme, tomamos também a obra *Pedagogie scientifique: la découverte de l'enfant*, edição francesa, de 1952. A escolha desse livro, em específico, faz-se em função de uma singularidade que o “marca”: obra teórica, escrita em primeira pessoa, que chega a parecer uma autobiografia, na qual Montessori (re)visita a experiência acumulada nos seus quarenta anos de trabalho, lançando um “olhar” retrospectivo e de (re)afirmação de suas ideias e da construção de sua teoria. Temos nessa edição, ainda, o prefácio de Mário Montessori, seu filho, principal divulgador de suas ideias, após sua morte, em 1952³.

A princípio, convém comentar que para entendermos com mais propriedade e significação de que forma um pensador inaugura, rompe ou perpetua noções, conceitos e compreensões de seu tempo é imprescindível o conhecimento da atmosfera social em evocação, na qual erigiu sua obra; assim como também o conhecimento de seus interlocutores, seus percursos e trajetória de vida, resultantes das inter-relações e produções de si e do mundo. Desse modo, este trabalho busca favorecer a reflexão sobre o legado e a repercussão da obra de Montessori, enquanto personagem-ícone da história da educação. Como sabemos, encarnadas em cada obra, residem também as potencialidades e os limites de cada teoria, e, por conseguinte, de cada autor. A produção do si, de cada sujeito histórico, não está desatrelada de seu tempo vivido (político, socioeconômico, geográfico e cultural).

³ Maria Montessori morreu aos 82 anos de idade, devido a uma hemorragia cerebral, em Noordwijk, na Holanda.

Para recompor a história de vida da médica e pedagoga Maria Montessori, em face da complexidade de sistematização conceitual em que sedia e organiza seu arcabouço teórico, destacamos a sua pertença à área médica e seu vínculo aos métodos experimentais da psicologia para a educação de crianças, que foram considerados inovadores à sua época.

Várias questões nutrem a relevância de estudos dessa natureza que, por certo, podem trazer significativa contribuição para a compreensão das práticas educacionais constituídas ao longo da história; envolvem avanços, rupturas, continuidades e críticas às concepções, conceitos e fundamentos instituídos; por fim, podem vir a compor em bases comparadas o profícuo território de inter-relações entre o local e o internacional.

No caso particular de Maria Montessori, o *corpus* teórico das ideias e o campo de sua produção interessam particularmente à História da Educação e à Pedagogia, em função da notoriedade do legado de sua produção (ideias, conceitos, princípios), diante da expressividade que tomou sua obra no Brasil, em específico, nas décadas de 1980 e 1990.

Devemos reconhecer e admitir, é certo, que historiadores em suas intenções de biografar incorrem em sérios riscos de poetizar essas histórias, de tornar ilustres sujeitos e narrativas, de enaltecer ou celebrar personagens e fatos, posto que “dar visibilidade a uma vida heroica é torná-la fulgurante” (NOVA; MAIA, 2008, p. 65). Que nos arrisquemos a isso, então!

Vida e Obra nas Cenas do Filme e em Breves Apontamentos Históricos

Na história da educação, temos uma linhagem de pensadores importantes que vão delinear o curso de sua constituição como Ciência

e o estatuto epistemológico da Pedagogia⁴. Conforme assevera Cambi (1999, p. 501) a Pedagogia científica e a Pedagogia experimental

vêm delinear um novo modelo de Pedagogia, radicalmente inovador no seu estatuto epistemológico e aberto a um crescimento cumulativo como é o das ciências empíricas; a Pedagogia liga-se, assim, à lógica da ciência como também se nutre de sua ideologia, mas se consolida como um dos saberes-chave da modernidade [...]

Uma revisão de literatura, em particular das obras *História da pedagogia* (CAMBI, 1999) e *História das ideias pedagógicas no Brasil* (SAVIANI, 2008), permite encontrarmos referências que sistematizam a história do pensamento pedagógico e elencam Maria Montessori, juntamente com Rousseau e Pestalozzi, como uma dessas figuras ilustres de pensadores clássicos estudadas na área, “uma das figuras autênticas da Educação Nova enquanto movimento internacional” (RÖHRS, 2013, p. 204).

Maria Montessori é a figura de proa do movimento da Educação Nova. Existem poucos exemplos de tal empreendimento que visa instaurar um conjunto de preceitos educativos de âmbito universal; além disso, raros são aqueles que exerceram uma influência tão preponderante e tão vasta nesta área quanto esta pedagoga (RÖHRS, 2013, p. 202).

Nascida em 1870, em Chiaravalle, na Itália, Montessori tem uma singularidade em sua biografia: rompeu fronteiras e quebrou

⁴ A Pedagogia é aqui compreendida “como um campo de estudos sobre o fenômeno educativo, portadora de especificidade epistemológica que, ao possibilitar o estudo do fenômeno educativo, busca a contribuição de outras ciências que têm a Educação como um de seus temas. Assim, a Pedagogia é a ciência que tem por objeto a educação humana nas várias modalidades em que se manifesta na prática social. Trata-se, pois, da ciência da educação que investiga a natureza do fenômeno educativo, os conteúdos e os métodos da Educação, os procedimentos investigativos. Entendemos que a Educação, em suas várias modalidades, se caracteriza como processo de formação das qualidades humanas, enquanto que o ensino é o processo de organização e viabilização da atividade de aprendizagem em contextos específicos para esse fim. Em síntese, o termo Pedagogia designa um determinado campo de conhecimentos com especificidade epistemológica, cuja natureza constitutiva é a teoria e a prática da Educação ou a teoria e a prática da formação humana” (FRANCO; LIBÂNIO; PIMENTA, 2001, p. 60-61).

paradigmas, atuou na produção do conhecimento e da ciência, eternizando seu nome na História da Educação no mundo e em seu país, mas, na vida pessoal, como mulher e mãe, esbarrou nas convenções sociais de normatização do casamento, do patriarcalismo vigente, do papel da mulher na sociedade, perante valores sociais de uma época em relação à questão do gênero e da sexualidade feminina. Contraditoriamente, aquiesceu diante de todas essas representações e convenções sociais.

Maria Montessori inaugura novas concepções e funções para a mulher: forma-se em medicina na Itália⁵ (1896), especializa-se em psiquiatria e aprofunda seus estudos em cursos de filosofia e psicologia experimental, na Universidade de Roma; feminista engajada (1896), vive sem casamento, solteira e sem companhia masculina afetiva, especializa-se na área médica e tem uma ativa e intensa vida profissional. Profere suas ideias em palestras, conferências e viagens internacionais – situação pouco convencional para o papel desempenhado pela mulher do século XIX, centrada nos “arquetipos do feminino tradicional, como a submissão, o recato, a fidelidade” (LELIS; PAULA, 2008, p. 169).

No filme focado, em formato de cinebiografia, é a vida adulta de Maria Montessori que é relatada: a película se inicia com a cena da jovem, representada por Paola Cortellesi, belamente trajada com um vestido longo, de chapéu de época e luvas, descendo apressadamente a escadaria de uma residência. No transporte puxado a cavalo, parado à frente da casa, um casal, em trajes próprios das famílias nobres ou mais abastadas, aguarda a filha. O casal (pais de Maria Montessori) a levará para seu primeiro dia de aula na

⁵ Quanto a ser a primeira mulher a se formar em medicina na Itália, há controvérsias: em um histórico da vida de Montessori divulgado pelo *site* <<http://lar Montessori.com/page/5/>> afirma-se que “ao contrário do que se pensa, Montessori não foi a primeira mulher a se formar médica na Itália, mas a terceira. Isso, entretanto, não diminui em nada seu mérito. Foi a segunda mulher a exercer a profissão de médica na Itália e durante toda a graduação sofreu a segregação típica da sociedade da época” (LAR MONTESORI, 2014). Já em consulta a outro *site*, <http://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_Montessori>, encontramos textualizado: “Indo contra as expectativas familiares, inscreveu-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Roma, escolheu que a levou a ser, em 1896, a primeira mulher a formar-se em medicina na Itália”.

universidade. Nesse primeiro episódio do filme, trava-se a discussão que transcrevemos a seguir:

Pai: Ainda é tempo de desistir.

Montessori: Papai, na escola eu era pior que meus companheiros homens? Então, por que deveria ficar todo dia em casa?

Pai: Poderia ser uma professora, se de verdade quisesse fazer algo, e não dar motivos de objeções. Medicina! Não sabe o que te espera. Estará só. E os olhares de todos estarão sobre você. E todos estarão contra você. Como acha que poderá suportar?

Mãe: Nenhuma mulher saberá, se ficarmos reclusas, em casa, fazendo de esposa. [Nesse instante, há entre as duas, mãe e filha, um leve sorriso de cumplicidade, que revela sua aprovação. Ao chegarem à escadaria da instituição, muitos homens jovens estão na entrada da universidade e os olhares se voltam para a mulher que desce do carro. Montessori hesita e volta-se para a mãe]

Mãe: É a primeira mulher que cruzará esse portão, que te respeitem! [O carro sai e Montessori olha para a escadaria, por certo, imaginando o tamanho do desafio que irá enfrentar...]

Os eventos que se seguem apresentam a vivência da personagem e algumas das dificuldades enfrentadas (por ser mulher) ao longo do curso de Medicina e da posterior profissionalização. A cena do primeiro dia de aula, por exemplo, traz uma narrativa que vai construir a ideia da necessária afirmação de Montessori como aluna no curso de Medicina: na primeira aula, ela teve que se disponibilizar a fazer uma incisão de 20 cm, na vertical, no abdômen/cadáver de uma mulher, quando todos os colegas homens se recusaram. O professor tece elogios à precisão de sua mão e de seu corte. Em casa, contrariada e visivelmente abalada, conta a sua mãe que esteve diante do corpo de uma mulher, e tudo o que queria era dizer aos colegas, diante de seus comentários maldosos, que ali tinha uma pessoa, apesar de morta. Ao contrário, teve de “cortá-la como um saco vazio, só para demonstrar a todos que não tinha medo”. Maria Montessori anuncia que teme desistir do curso de Medicina e sua mãe retruca afirmando que se ela desistir, irão dizer que “as mulheres são úteis somente para a reprodução”!

A partir de então, sucedem-se outras imagens sem diálogos, anunciando que Montessori permanece no curso e dá continuidade aos estudos, assistindo às aulas, observando atenta as explicações dos professores e suas exposições, debruçando-se sobre os livros com ilustrações e formulações científicas.

Uma cena posterior apresenta Montessori se deslocando pelos corredores com ares de familiaridade com o ambiente (já se havia passado em torno de 6 meses desde sua entrada na faculdade). Ela aproxima-se de um homem que faz a limpeza do chão, o qual apressa-se em respondê-la enfaticamente que naquele dia não poderia ajudá-la, que procurasse algum colega. Montessori então aborda um rapaz no corredor, pensando tratar-se de um aluno; era, na realidade, o jovem médico doutor Giuseppe Montesano. Montessori pergunta se ele fuma e pede-lhe ajuda para realizar um experimento sobre o poder do fumo como inibidor do cheiro dos mortos. A cena vai tratar da estratégia utilizada por Montessori para dar curso à difícil tarefa de dissecação que lhe causava mal-estar.

Conforme é apresentado no enredo do filme, assim ocorre o encontro com o jovem médico doutor Giuseppe Montesano, que marcaria sua vida pessoal e profissional. A conversa estabelecida entre os dois é a seguinte:

Montessori: Você, o que estuda?

Médico: Psiquiatria.

Montessori: Muito interessante.

Médico: Mas não o recomendaria a uma mulher.

Montessori: Por quê?

Médico: Porque é uma disciplina muito difícil.

Montessori: Então me surpreende que seja para os homens. As coisas mais difíceis da vida, desde o parto à educação dos filhos, deixam-se para as mulheres...

Médico: Não me diga que é uma feminista?

Montessori: Sabe do que morreu essa mulher? De sífilis. E sabe por que não foi tratada? Porque era casada, e seu marido em acordo com o médico decidiu não divulgar. Não queria que

soubesse que passava suas noites em bordéis. Nesse mundo os caprichos de um homem valem mais que a vida de uma mulher... Médico: Quando for médica verá que se acostuma com o cheiro dos mortos.

Montessori: Quando for médica tratarei de ocupar-me dos vivos! [Um sorriso cordial encerra o diálogo. Posteriormente, a surpresa de Montessori ao descobrir que se tratava do professor de Psiquiatria, ao vê-lo entrar em sua sala e iniciar a aula, em sua turma, naquele mesmo dia].

As cenas seguintes retratam a aproximação com o doutor Montesano e seus projetos e a relação amorosa clandestina que se estabelece, da qual foi gerado um filho que lhe foi retirado, sendo obrigada a não se legitimar como mãe; revelam o que de mais pessoal ocorreu na vida de Montessori. A aproximação com o projeto do doutor Montessano dá-se, inicialmente, por afinidade nas compreensões em relação à defesa de métodos alternativos (música, estímulos, família, afeto) para o tratamento de pessoas com transtornos mentais, com particular interesse pelas crianças, e na implementação de um projeto de remoção destas do hospício/manicômio para uma clínica-terapêutica, na credibilidade que um ambiente sem nenhum estímulo, apenas de caráter médico, não colaborava no tratamento da doença. A permanência por 12 anos como auxiliar do doutor Montesano permitiu-lhe desenvolver um trabalho ao longo desse tempo, pioneiro, com as crianças com deficiência mental, no hospital psiquiátrico em Roma.

A narrativa fílmica em foco apresenta como a jovem Montessori se aproxima e se insere no projeto do doutor Montesano: com a participação de outros estudantes, compõem a equipe médica que faz a retirada de algumas crianças da ala psiquiátrica do hospital de Roma, para integrarem um atendimento experimental, fora do ambiente do hospício. As cenas destacam a doçura e delicadeza com que a estudante aborda as crianças nessa recolha e sua sensibilidade e humanidade em relação ao sofrimento psíquico daquelas pessoas com transtornos mentais.

O referido fato também é mencionado na obra *Pedagogia científica: a descoberta da criança*, publicada em 1909, a qual torna seu trabalho conhecido internacionalmente, tendo chegado ao Brasil em 1924 (RÖHRS, 2010). Essas crianças à época eram designadas como *idiotas, imbecis, deserdadas, desafortunadas, infelizes* e/ou *retardadas*, ou seja, consideradas anormais. Na escrita, expõe as razões da aproximação com a temática e o contexto científico da época:

Como assistente da clínica Psiquiatria da Universidade de Roma, tive a oportunidade de freqüentar o hospital para loucos. Estudei o doente para selecionar aqueles que eram susceptíveis de ser enviados para recuperação clínica; foi assim que eu me interessei pelas crianças idiotas atendidas no mesmo hospital. O interesse dos médicos para com crianças retardadas era particularmente a ordem do dia. Depois de ter realizado a pediatria, a minha atenção foi atraída para o estudo particular de doenças da infância (MONTESSORI, 1952, p. 22).

A pesquisadora Fassa (2011), assim como a película em destaque, evidencia outro acontecimento que marca a *insurgência do aspecto pedagógico* no trabalho da médica e educadora em seus estudos seguintes. Segundo a pesquisadora, em certa ocasião, durante uma avaliação de caráter biométrico (medidas de crânio, perfil e diâmetro craniano, peso e altura) na clínica onde ela e doutor Montesano desenvolviam o atendimento, as crianças portavam-se com bastante inquietação e com dificuldades comportamentais para colaborar com a ação. A iniciativa biométrica incomodou bastante Montessori, que acompanhou fazendo os registros. Em argumentação com doutor Montesano, questionou a validade e contribuição desse tipo de avaliação para o tratamento daquelas crianças e afirmou a ele: “talvez não alcance o que desejava apenas com a medicina; talvez teriam que educá-los, ao invés da tentativa de curá-los”. Montesano indicou à Montessori que, se convenida de suas ideias, pegasse um grupo de crianças e começasse a trabalhar a sua maneira. Montessori iniciou esse trabalho, todavia

percebeu que as crianças ficavam inertes, de olhares vagos, que quando comiam jogavam-se no chão para catar as migalhas. Ela concluiu, muito precocemente, que em uma sala nua, sem objetos, sem jogos, as migalhas são as únicas coisas que eles tinham para se ocupar (FASSA, 2011; TAVARELLI, 2007).

Assim, Montessori deu-se conta de que essas crianças com deficiência agiam de tal forma porque essa era a única opção que elas tinham para manipular naquele ambiente. A partir dessa experiência, inicia-se todo o acompanhamento educacional que embasa a pesquisadora em algumas de suas elaborações teóricas posteriores. Nela, dá-se a origem da questão definidora de seus primeiros estudos: a observação dessas crianças e o sucesso na atenção educativa a fizeram elaborar a tese de que um fator primordial para os atrasos no comportamento, nas aquisições, no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças com deficiência mental era o ambiente pouco favorecedor, ausente de estímulos para o desenvolvimento adequado⁶.

Montessori faz uma importante conclusão: a “questão das crianças com transtornos mentais era muito mais da ordem pedagógica que médica” (MONTESSORI, 1952, p. 23):

Portanto, me interessei pelos idiotas, eu vim a conhecer o método especial de educação para estes pequenos deserdados. A idéia, ainda inicial, Edouard Séguin relatava a eficácia da “cura pedagógica” para várias formas, tais como surdez, paralisia, idiotice, raquitismo, etc. A descoberta de que a pedagogia deve juntar-se a medicina terapêutica é uma conquista prática do pensamento da época; é nesse sentido que se espalhou/propagou o estudo da atividade motora.

Empreende, nesse sentido, a luta pelo direito de todas as crianças à oportunidade de aprendizagem, a terem uma escola, instituições

⁶ Registra-se a história que, aos vinte e oito anos, em congresso em Turin, tendo terminado sua exposição, um médico da plateia perguntou à Montessori: “Por que preocupa-se a senhora com estas crianças? Não sabe que elas não podem aprender?” Ao que Montessori respondeu: “Elas podem. São os senhores que não permitem” (LAR MONTESSORI).

médico-pedagógicas que atendessem a essas crianças. Seu legado alia-se a outros pensadores para delimitação da área da Educação Especial, registrando seu nome na História da Educação.

A experiência pioneira rendeu a Montessori um feito memorável, que também é abordado em uma cena do filme e em suas biografias⁷: essas crianças, após a mediação pedagógica, fizeram exames escolares e testes oficiais de proficiência de aprendizagem escolar iguais aos das crianças consideradas normais que frequentavam as escolas da época, escolas regulares tradicionais, e se saíram muito bem nos exames, com aprovações inacreditáveis.

Montessori atribui importância vital a essa experiência primeira com os alunos com deficiência e ao trabalho educacional a eles destinado, fato que se comprova na leitura da obra *Pédagogie scientifique: la découvrir de l'enfant*, que credita, juntamente à experiência que viverá posteriormente na educação de crianças pequenas e pobres, em um bairro da periferia de Roma (San Lorenzo), como “antecedentes do método”. Montessori afirma que o

sistema de educação da “casa das crianças” não nasce sem antecedente: e se o curso do presente experimento é relativamente curto em crianças normais é que as experiências educacionais anteriores, em crianças anormais, apresentou um longo desenvolvimento (MONTESSORI, 1952, p. 22).

A autora dedica uma seção com esse título na obra, para contar, em linguagem narrativa, a memória dessa história, com suas razões e justificativas, apresentando o conjunto de ações, fatos e acontecimentos que colaboraram como as bases e os princípios fundamentais da criação de seu método.

A médica e educadora, então, questiona-se e questiona o mundo sobre as crianças normais, que em todas as suas condições, provavelmente, não estão sendo tão estimuladas o quanto deveriam.

⁷ A título de consulta, indicamos a leitura de *Maria Montessori: a biography*, de Rita Kramer, 1976.

[...] eu apenas quero dizer como, naquela época, eu tentei um método de ensino totalmente novo em leitura e escrita: foi um ponto imperfeito tanto no trabalho de Itard como no de Seguin. Eu levei a ler e escrever corretamente – e em caligrafia – alguns deficientes do hospício, que, posteriormente, foram capazes de participar do exame das escolas públicas, juntamente com as crianças normais, e que conseguiram êxito no teste. Estes resultados foram algo milagroso aos observadores/avaliadores. Mas eu entendo que, se meus pequenos atrasados se igualaram às crianças normais em exames, foi porque eles haviam seguido um caminho diferente. Eles foram ajudados no seu desenvolvimento mental, enquanto que as crianças normais tinham sido sufocadas e deprimidas. [...] Todos admiravam o progresso dos meus deficientes, eu refleti sobre as razões que poderiam reter alunos saudáveis em um nível tão baixo, ao ponto de serem batidos nos testes de inteligência por meus alunos infelizes (MONTESSORI, 1952, p. 27).

No filme, é retratado também esse sucesso dos alunos com deficiência nos exames, circunstância que rende a Montessori ser aplaudida por todos que se encontram nos corredores aguardando a divulgação do resultado final nos testes. Propaga-se o sucesso dessa experiência, na promoção de seu nome por toda a Itália.

Em paralelo, nas cenas da vida pessoal, Montessori mantém o relacionamento íntimo e sempre sigiloso, por decisão do próprio Montesano, justificado por suas atividades profissionais, em suas funções de diretor e vice-diretora da clínica. Todavia, um fato muda o curso da história do casal: a descoberta da gravidez, a posição contrária da mãe de Montesano a qualquer ligação matrimonial com uma mulher como Montessori – profissional de prestígio, que competia com os homens etc. Com a gravidez avançando, Montessori é indicada pelo amante a se esconder, longe da cidade e da sociedade, em recolhimento até o parto (1898); ele promete reconhecer e dar seu nome à criança, após o nascimento. Montessori sofre a dor da perda do filho recém-nascido dela retirado, que sob as ordens de Montesano é entregue a uma família de empregados de suas propriedades, sob a alegação de que nada lhe faltaria.

Montessori abandona o trabalho que desenvolvia com Montesano, como codiretora da Escola Ortofrênica de Roma, assim como o trabalho desenvolvido com as crianças com deficiência mental. Posteriormente, em 1907, ocorre o convite para a instauração do atendimento às crianças pequenas (pré-escolares), para filhos de operários, em San Lorenzo – bairro pobre de Roma, zona semelhante ao que hoje se consideraria uma “favela” ou comunidade desfavorecida socioeconomicamente, na qual uma companhia habitacional havia construído edifícios para a classe trabalhadora e que seria foco negocial à alocação ou venda para casais, em que ambos trabalhassem.

É posto que tal empreendimento esbarraria em um problema social: os filhos desses trabalhadores à deriva da sorte, sem amparo e cuidados dos pais, constituíam-se, muito provavelmente, em riscos à sociedade, pois “soltos” depredariam as escadas e procederiam a outros atos de insubordinação. Em função dessa circunstância anunciada, os empreendedores decidiram construir grandes salas para colocar aquelas crianças e cogitaram Montessori para trabalhar nesse ambiente. Ela aceitou e começou a trabalhar com esses meninos, que eram, palavras suas, “praticamente selvagens”.

[...] quando em 1898 e 1900, dediquei-me à educação de crianças deficientes, imediatamente tive a intuição de que esses métodos não tinham nada específico para a instrução de idiotas; que continham os princípios de uma forma mais racional do que aqueles que estavam em utilização na educação, na medida em que a mentalidade inferior poderia ser aumentada e desenvolvida. Esta intuição tornou-se minha convicção desde que abandonei os deficientes. Eu pouco a pouco adquiri a certeza de que métodos semelhantes aplicados a crianças normais iriam desenvolver a sua personalidade (MONTESSORI, 1952, p. 23).

Três anos mais tarde, em 1907, inaugura a primeira instituição *Casa dei Bambini* (Casa das Crianças), que marcaria a educação

das crianças pequenas e se tornaria o modelo das instituições montessorianas.

Quando Maria Montessori faz o discurso inaugural da *Casa dei Bambini*, ela diz o que espera para essa instituição, porém, na realidade, ainda não tinha nem muitos dados que pudessem confirmar ou apoiar a veracidade de seus planos, que continham apenas uma esperança de acerto. Por esse tempo, Montessori já era muito conhecida e bem relacionada⁸, amiga da Rainha Margherita de Saboia, por exemplo, que, conseqüentemente, foi uma das patronesses desse trabalho. A experiência de San Lorenzo passou a ser muito visitada, até por embaixadores (FASSA, 2011). As pessoas saíam muito impressionadas, admiradas com os resultados e progressos das crianças:

[...] as Casas das Crianças que foram criadas nos anos seguintes tornaram-se, às vezes, verdadeiros santuários para onde os educadores se dirigiam em peregrinação; elas constituíam sempre modelos que mostravam como resolver os problemas pedagógicos (RÖHRS, 2013, p. 204).

No filme, a cena da inauguração da instituição mostra as crianças vestidas com um uniforme, meio desconcertadas, de mãos dadas, mas sem muitos modos de sociabilidade. Começam a correr, puxar umas às outras; elas caem, choram, não conseguindo portar-se diante dos convidados com “boas” maneiras ou atitudes esperadas de crianças de lares “ajustados” e favorecidos socioeconomicamente. Desapontados, todos os convidados deixam o local, não sendo o evento de inauguração tão favorável quanto desejara Montessori. Ao se conduzir à saída da escola, vendo todos abandonarem o lugar, Montessori encontra-se com uma das mães, com seu bebê no colo, naquele instante pede para pegar a criança e a conduz para dentro da sala que ainda se encontrava

⁸ Um indicador desse fato é que a baronesa Alicia Franchetti custeou a primeira edição da *Pedagogia científica*, obra em que Maria Montessori expõe toda a elaboração de seu método.

um pandemônio. Com o bebê, uma ou outra criança começa a perceber e se junta a ela, pouco a pouco, sentando-se ao chão ao seu redor, já silenciadas. Montessori conversa sobre o silêncio.

O insucesso da inauguração, todavia, serve de modelo comparativo de como eram essas crianças antes de iniciar o trabalho pedagógico, sob os auspícios montessorianos, e como ficaram passados apenas três meses de sua realização. Ela considerou que fora o ambiente que tinha proposto e possibilitado àquelas crianças o fator preponderante que as conduziram de modo a ficarem naturalmente educadas. Montessori tem sucesso na educação dessas crianças, ao passo que não pôde dedicar-se a educar seu próprio filho, embora perseverando em visitas pontuais e fazendo-se presente na vida de Mário Montesano Montessori, ao longo de seu crescimento, ainda que mantenha a maternidade em total anonimato.

No plano profissional, a *Casa dei Bambini* foi uma explosão de novidades, de práticas diferenciadas voltadas à infância e da concretização dos princípios pedagógicos criados e defendidos por Montessori. O fato de não receber instalações adequadas, visto que os empreendedores só disponibilizaram móveis extremamente pesados, estilo escritório, completamente incompatíveis com a proposta que defendia para a educação de crianças, contrariando suas exigências e não cumprindo o acordado previamente, fez com que Montessori procurasse soluções com a ajuda das crianças e da comunidade de pais: em uma adesão voluntária e no trabalho coletivo dedicam-se todos à transformação desse espaço e de seus mobiliários. O filme, igualmente, evidencia a transformação em um ambiente de aprendizagem montessoriano – colorido, com funcionalidade prática e de vida diária, com móveis na altura das crianças, muito estímulo por meio de objetos para manipular, com diversas texturas, tamanhos, dimensões etc.

Por conseguinte, legítima a noção de atividade e ambiente como fundamentos ao método de sua Pedagogia Científica. Por certo,

agora, na vivência de San Lorenzo, já mais experiente, dedica-se com rigor científico e foco na observação da criança à sistematização⁹ formal de suas hipóteses, compreensões, defesas, concepções e práticas realizadas com as crianças: concebe métodos e técnicas a partir de práticas experimentais e observações meticulosas, validando-as e organizando elaborações, sínteses e generalizações, ordenando princípios, em suma, elaborando uma teoria¹⁰.

Nas “casas das crianças” a criança não é guardada ou educada, mas preparada para um livre crescimento moral e intelectual, através do uso de um material científico especialmente construído e a ação das professoras que estimulam e acompanham o ordenamento infantil e o crescimento da criança, sem imposições ou noções, antes favorecendo o desenvolvimento *no* jogo, por meio do jogo, como propunha em *O método da pedagogia científica aplicado à educação infantil nas casas dos meninos*, de 1909 (CAMBI, 1999, p. 495-496).

Embora tivesse se dedicado sempre ao estudo das teorias de pensadores anteriores a ela, da área médica e educacional (Itard, Seguin, Rousseau, Pestalozzi, Dewey, Kilpatrick, Decroly, Ferrier, Washburne, Nunn, Diderot, Agazzi), publiciza que não pretendia ater-se a nenhuma teoria em específico, argumentando que queria simplesmente observar as crianças e seus processos:

⁹ O filme passa a ideia de que Maria Montessori não fazia registros escritos de suas experiências anteriores, inclusive sendo cobrada por isso, como forma de conseguir investimentos do governo e manter o trabalho inicialmente realizado, na clínica, com Montesano.

¹⁰ Montessori organiza sua obra em torno de alguns conceitos centrais, brevemente aqui elencados: Normalização – a capacidade de a criança, em ambiente de liberdade, aprender, ser educada, cordata, gentil, sociável se constitui na autodisciplina; Atenção Polarizada – a condição de manter a atenção focada, mesmo em tenra idade, de realizar a atividade pelo tempo que ela precisa e quer desenvolver, comprovada em suas experimentações. Assim, a criança não deve ser interrompida na atividade, deve-se dar tempo para que a criança cumpra todo o ciclo de trabalho (de acordo com seus tempos, ritmos, empenhamento/ envolvimento, energia necessária à realização); Ambiente – com destaque importante para a circunstância de que a liberdade da criança é o elemento mais importante para esses três conceitos se manifestarem – a oportunidade de escolher, decidir com o que quer trabalhar e por quanto tempo quer trabalhar.

considerava a fé, a esperança e a confiança como os meios capazes de ensinar às crianças a independência e auto-confiança [...] É precisamente essa amplitude de visões que confere a pujança profética a um grande número de seus escritos (RÖHRS, 2013, p. 203-204; 210).

Observando as crianças pequenas que tinha sob sua tutela pedagógica, na *Casa dei Bambini*, foi averiguando situações diferentes daquelas postas pelas teorias da educação vigentes à época: “foi percebendo nas crianças um anseio de dignidade pessoal, amor ao trabalho, desejo de aprendizagem e uma evolução social importante” (FASSA, 2011), inerentes ao desenvolvimento infantil, de origem interior, de destino biológico fixado, determinado e pulsante pela hereditariedade. Conforme admite,

O fator ambiente pode modificar, isto é, ajudar ou destruir, jamais criar. As origens do desenvolvimento são interiores. A criança não cresce porque se alimenta, porque respira, porque se encontra em condições de clima favorável; cresce porque a vida, exuberante dentro de si, se desenvolve; porque o germe fecundo de onde esta vida provém evolui em conformidade com o impulso do destino biológico fixado pela hereditariedade (MONTESSORI, 1952, p. 49; 1965, p. 57).

Há de se considerar que a sociedade da época tinha seus pressupostos, as posições consolidadas na tradição educacional, as concepções teóricas correntes, como por exemplo: a compreensão de que as crianças tinham instabilidade de atenção (ideias, muitas vezes, ainda correntes na atualidade), a credibilidade de que a alfabetização era um aprendizado que só deveria ou poderia ocorrer a partir dos sete anos em diante, período em que a criança estaria em fase de “amadurecimento” de algumas funções psicológicas, previamente necessárias a qualquer possibilidade desse aprendizado etc. (FASSA, 2011).

Montessori inova compreensões quando introduz o aprendizado da leitura e da escrita a essas crianças ainda bem pequenas, segundo o filme e confirmado em biografias, atendendo ao pedido de alguns pais. Os pais, constatando os progressos nos

comportamentos sociais e nas aprendizagens das crianças, pedem a Montessori para que ela trabalhe conteúdos, assim como a escola convencional. Os argumentos eram de que as crianças ali aprendiam muito e bem felizes, com facilidade, diferente dos sofrimentos a que estavam expostos os demais escolares.

Convencida, decidi iniciar as aulas no mesmo tempo do ciclo de estudos da escola comum¹¹, introduzindo em suas práticas os seguintes materiais: alfabeto recortado, letra de lixas/táteis, cartões de nomenclatura (desenho/palavra), “encaixes sólidos” (blocos de madeira, cilindros encaixáveis – jogo de quatro blocos, em duas dimensões – grossura e altura – em relação diferente em cada bloco) –, alguns já utilizados por ela com as crianças com deficiência. Para a aprendizagem da leitura e da escrita usava a associação de um método Fonético e global. Fica patente que Montessori pretendia de fato um trabalho de pesquisa.

Na compreensão de Montessori, o material “sensorial” funcionava como uma “abstração materializada”, possibilitando à criança atingir assim mais do que suas mentes eram capazes de conseguir nessa idade (período sensível¹²), portanto, inacessíveis sem ele. Os

¹¹ Uma curiosidade assinalada pela pesquisadora Fassa (2011) é a de que Montessori, na ocasião, teve dificuldades para iniciar os trabalhos no mesmo tempo das escolas convencionais, em função da confecção do material. Ao invés de começar em setembro, só conseguiu iniciar em meados de outubro; mesmo assim, em torno de três meses, essas crianças tiveram manifestações de escrita e de leitura. Acrescenta, ainda, a esse respeito que: “Montessori pediu para a criança desenhar e a criança disse: ‘eu sei escrever’, e ela escreveu. O fato que causou muita surpresa. As crianças escreviam e também liam. Maria Montessori percebe que as crianças liam em todas as letras, não apenas as letras simples”.

¹² O conceito de “período sensível” é organizado a partir da biologia, inspirada na lagarta que se movimenta em direção à luz (fototropismos, por isso elas se direcionam para as folhas mais verdes, mais tenras, que justamente têm luz, são mais iluminadas). A médica-educadora utiliza o mesmo conceito para descrever e explicar que as crianças em determinados períodos da vida estão especialmente voltadas para determinadas informações, que correspondem as suas principais necessidades de desenvolvimento. Montessori dividiu, então, o desenvolvimento, assim como outros teóricos o fazem em períodos ou estádios: 0-6 – a criança realiza sua própria construção através da exploração e absorção do ambiente que a circunda, sua inteligência trabalha em função do externo, e das relações superficiais existentes entre os objetos e suas qualidades. É um período essencialmente sensorial; 6-12 – a criança realiza as compreensões e o conhecimento do universo; é capaz de relacionar os fatos à luz da razão, preocupando-se com o como, o porquê das coisas, é a entrada no mundo da abstração (proposta já em colaboração com o filho – Conceito de educação cósmica e as necessidades naturais e espirituais); 12- 18 (em diante) – o interesse

exercícios eram realizados em grupos, seguidos de discussão, o que indica uma não desconsideração dos aspectos sociais da educação. Conforme estabelece Röhrs (2013, p. 209), tal esclarecimento se presta em resposta aos que rejeitaram, mesmo que de maneira parcial, as ideias pedagógicas de Montessori, acusando-a de ser “irremediavelmente individualista”.

Piaget, em entrevista (EVANS, 1980), faz a seguinte crítica em relação às formulações de Maria Montessori quanto à educação sensorial:

Ora, sabemos hoje que a inteligência procede antes de mais nada da ação e que um desenvolvimento das funções sensório motoras no pleno sentido da livre manipulação, tanto quanto da estruturação perceptiva favorecida por esta manipulação, constitui uma espécie de propedêutica indispensável à formação intelectual propriamente dita (PIAGET, 1976, p. 104 *apud* HOFSTATTER, 2012).

Em acréscimo, quando inquirido sobre o confronto comparativo entre suas formulações e as de Montessori (EVANS, 1980 *apud* GIORDANI, 2000, p. 8), argumenta:

Penso que a sua idéia de focar a atividade é excelente, mas o material é um desastre. Diante de um material padronizado, não se ousa tentar modificá-lo: e o que é realmente importante é que a criança construa seu próprio material. [...] Trata-se de proporcionar às crianças situações que ofereçam novos problemas, problemas que se seguirão um ao outro. É necessário um misto de direção e liberdade.

Piaget, quando indagado sobre aproximação com as teorias de Montessori em alguns aspectos (desenvolvimento em

do indivíduo deve voltar-se para o mundo do trabalho, na percepção de como funcionam as relações econômicas, como pode colaborar na sociedade, desperta para a causa e os efeitos. O reconhecimento das capacidades das crianças e a reflexão sobre como então elas surgiam resultaram na metáfora-conceito de “embrião espiritual”, aproximando a noção de “embrião fisiológico” (da área médica). De forma análoga, defendia que da célula inicial se criam todos os órgãos; em decorrência, formam-se as características mentais. Nesse mesmo sentido, o ser humano nasce com todas as potencialidades (biológicas) e tais potencialidades precisariam do ambiente para se desenvolver, sendo a extensão do desenvolvimento dependente da qualidade do que é favorecido (HOFSTATTER, 2012; FASSA, 2011).

estágios, centralidade na atividade do sujeito), argumenta que isto apenas mostra como essas “ideias estavam em germe em toda a psicologia [...] desse fim de século XIX” (PIAGET, 1976, p. 151 *apud* GIORDANI, p. 8).

Não obstante as críticas, o fato é que Montessori começa a incomodar pelo sucesso e pela difusão de sua teoria e de suas práticas educacionais, enredando-se em disputas de poder, pois, dona de personalidade impetuosa, não se rende às autoridades de fiscalização, ao representante/ministro da Educação Pública, nem aos empreendedores, como é retratado na obra cinebiográfica em foco. É acusada de querer promover seu próprio nome.

Em 1909, publica a obra *O método da pedagogia científica*, que sistematiza sua teoria, cuja influência e difusão se estendem em diversos países¹³. Sua pedagogia encerra a defesa da observação, da disciplina ativa e liberdade, movimento e independência, atividades de vida prática, como condições favorecedoras do desenvolvimento geral, da dignidade, da cultura, das dimensões fisiológica e psicológica das crianças (MONTESSORI, 1952, p. 35-49). A atenção à saúde (“*mens sana corpore sano*”) e a preocupação ao desenvolvimento global da criança pequena são precursoras do paradigma atual da educação infantil nas ideias de integralização da responsabilidade de “educar e cuidar” das instituições de ensino.

Para Montessori, a natureza da educação escolar da primeira infância deve guiar-se pelo princípio de ajudar o desenvolvimento “natural” das crianças: “A Educação Geral propõe, com efeito, um propósito biológico e um propósito social: auxiliar o desenvolvimento natural do indivíduo a usar o seu ambiente”, posto que “[...] o desenvolvimento dos sentidos precede as atividades intelectuais superiores, e as crianças 3 a 6 anos está em formação

¹³ Abandona totalmente o trabalho como médica, passando a se dedicar exclusivamente à sistematização de sua pedagogia. Realiza uma série de viagens para a Itália, Inglaterra, Estados Unidos e Espanha, com o objetivo de divulgar suas ideias e formar professores em suas concepções e princípios.

nesse período” (p. 82). Assim, estando no período essencialmente sensorial, sua educação deve se dar como sendo algo natural e de respeito às necessidades fundamentais da infância.

É também em 1909 que promove o primeiro curso de Pedagogia Científica, indicativo de sua preocupação com a questão da formação de professores para a transformação da escola e da prática pedagógica destinada à infância:

Para construir a pedagogia científica se deve seguir um caminho diferente daquele que se seguiu até agora. Exige que a preparação dos professores seja a transformação simultânea da escola. Se preparados professores capazes de observar e ser introduzidos para a experiência, eles devem ser capazes de observar as crianças na escola e fazer a sua própria experiência (MONTESSORI, 1952, p. 22).

Montessori (1952, p. 17) tece severas críticas à pedagogia de sua época e indaga: “o que dizer quando se trata de educar as crianças?”

Nós conhecemos muito bem esse triste espetáculo: o mestre fica ocupado em colocar o conhecimento dentro das cabeças dos escolares. Para ter sucesso em sua tarefa ele acha necessário a disciplina da imobilidade, da atenção forçada, e é livre para usar largamente recompensas e punições [...], que nada fazem além de escravizar a alma.

As ideias sobre formação de professores, a difusão do método e o sucesso das experiências anteriores convergem para que, ao chegar o ano de 1924, com o contexto político da Itália sob o comando do ditador fascista Mussolini, as escolas montessorianas recebam apoio irrestrito.

Esse fato político acaba tendo muitas consequências na vida de Montessori e sob o qual cabem as críticas que se sediam no apoio de Montessori ao regime. Informações a esse respeito, confrontamos aqui: aos defensores de Montessori, a credibilidade de que foi apenas o sucesso de seu método e de seu nome que fez com que Mussolini desejasse absorvê-la para seu regime, inclusive chegando a declarar:

“A Itália teve três grandes M, Mussolini, Marconi e Montessori” (LAR MONTESSORI, 2014); àqueles que acusam apresentam argumentos de que ela retornou à Itália em 1922, sendo então nomeada inspetora geral das escolas fascistas; em 1925, tornou-se membro honorário do Partido Fascista e saiu em 1934 admitindo ser pacifista e reconhecendo “que os métodos de Mussolini eram brutais”. Após longos anos de apoio, em 1934 as escolas montessorianas foram fechadas pelo fato de sua fundadora recusar-se a colaborar com o regime fascista, havendo diminuição da “liberdade inerente às escolas montessorianas” (MÍDIA SEM MÁSCARA, 2014), algo central em seus fundamentos pedagógicos.

Parece ser essa a versão que mais se aproxima da apresentada no filme que evidenciamos na análise: eleva uma Montessori interessada em cumprir e educar as crianças de toda a Itália, como que fiel a sua “missão pedagógica”, porém, no decurso, entra em atrito com os representantes do regime, por ferir princípios filosóficos e pedagógicos caros aos seus métodos. Além disso, o filho de Montessori, Mário Montessori, não apoia o regime e se alia a grupos de oposição.

O filme se encerra com a cena da cerimônia oficial de inauguração do estabelecimento *Regia Scuola Magistrale di Metodo Montessori* (1929), amparada e financiada pelo governo da Itália, na qual o discurso de Montessori gera expectativa. No ato oficial, com expressão demonstrando estar a contragosto, ao fundo o busto de Mussolini, Montessori corta a faixa inaugural. Ao ser anunciada, declara: “que posso dizer que seja adequado a tanta grandeza? Nada. Deixe-me calar”, saindo sob os olhares absortos e com a vingança anunciada pelos líderes do governo. O alvo será seu filho Mário. No trem, ao tentar deixar a Itália¹⁴, o transporte passa por uma revista

¹⁴ Maria Montessori sai da Itália e se fixa na Espanha. Em 1936, em função da Guerra Civil Espanhola, Montessori muda-se para a Inglaterra e dois anos após vai para a Holanda, onde funda um centro de treinamento de professores; posteriormente, vai à Índia, porém, quando se inicia a 2ª Guerra Mundial, fica reclusa no país e Mário

da polícia em busca de traidores/opositores; o encarregado da missão declara para Montessori que deverá levar preso seu assistente, ela responde que ele “é seu filho”, o que suscita surpresa aos dois homens – Mário nunca fora socialmente declarado como filho, em todas as palestras e cenas públicas era apresentado como seu assistente.

Diante da declaração, o encarregado diz aos demais não estar naquele vagão quem procuravam. Montessori pergunta se o conhece, e ele responde que sua mãe, certa vez, deu-lhe flores: o homem hoje feito, com alto cargo no governo, era Giovanni, um dos bambinos educados e mudados em sua sorte, por Montessori. O trem sai. A cena final retrata o encarregado escrevendo sua carta de demissão, deixando seu gabinete e caminhando na rua. No fundo, a voz de Mário Montessori:

Nas crianças, em todas as crianças do mundo se esconde a esperança de um mundo diferente. Se, apesar de tudo, hoje alguém crê que na criança já existe o homem de amanhã, isso devemos à Maria Montessori, minha mãe!

Considerações Finais

Ao que vimos, Montessori é uma das pioneiras na busca por uma ciência da educação e, notadamente, uma empreendedora da articulação entre teoria e prática, o que confere, por certo, uma atualidade a suas ideias. A criança é reconhecida em sua pedagogia como ser ativo, pensante, dotado de inteligência, desde o seu nascimento, com desenvolvimento intelectual e físico em paralelo, cujos níveis

Montessori é preso (1940), encaminhado para um campo em Amednagar. Para ela foi concedida a autorização de viajar e lecionar; fez várias palestras nos anos que se decorreram. Mário foi libertado como presente pela ocasião de seu aniversário de 70 anos, em 1946. Montessori recebe, em telegrama do vice-rei da Índia, a seguinte mensagem: “Pensamos no que lhe dar de presente pelos seus 70 anos. Pensamos que o melhor presente que poderíamos lhe fazer era devolver seu filho” (SCHWEGMAN, 1999, p. 115 *apud* TEZZARI, 2009, p. 136). Ao término da guerra, em 1946, Montessori e Mário voltam para a Holanda.

de evolução exercemos influência para fazê-la chegar a patamares mais avançados e ao desenvolvimento de sua personalidade, sempre em interação com o meio social.

Outro aspecto importante a destacar em sua obra é o pressuposto da observação científica para identificação de pontos/momentos apropriados (períodos sensíveis) à intervenção pedagógica, com vias ao desenvolvimento ulterior da criança; são períodos de maior receptividade de aprendizagem, uma vez que as crianças são investidas de “poderes desconhecidos” (potencial humano) e com sua “mente absorvente” têm na educação a possibilidade desenvolver o que lhes foi atribuído pela “natureza”, em direção à independência funcional, a plena realização de si, à autoeducação (RÖHRS, 2013). Em uma leitura contemporânea, poderíamos interpretar que a obra de Montessori conteria os fundamentos, ainda que em *gêrmen*, dos conceitos organizados e nomeados por Vygotsky (1998, 2001) de mediação pedagógica, zona de desenvolvimento proximal, funções psicológicas superiores, planos de desenvolvimento – filogenético, ontogenético, sociogenético e microgenético? O que sabemos é que para Montessori o desenvolvimento do potencial humano era considerado a tarefa precípua e “verdadeira finalidade da educação”, o “caminho da salvação da humanidade”.

Ao longo da vida publicou importantes obras: *Pedagogia científica* (1909), *Antropologia pedagógica* (1913), *A autoeducação* (1916), *A criança e a igreja* (1930), *A educação e a paz* (1932), *A criança* (1936), *Educação para um novo mundo* (1946), *Para educar o potencial humano* (1948), *O que você deve saber sobre seu filho* (1948), *Mente absorvente* (1949) e *A formação do homem* (1950). Foi também nomeada três vezes para o prêmio Nobel, em 1949, 1950 e 1951.

É importante assinalar que em suas teorizações há uma visível isenção de subjetividade, passionalidade e pujança de fé, aliada a uma rigorosa sistematização teórica-empírica de suas ideias,

formuladas em conceitos, princípios e práticas consonantes, o que, por certo, pode ser um dos motivos das sempre calorosas adesões ou oposições as suas ideias, contudo o valor e a significação de sua obra, do ponto de vista de sua importância histórica, é inegável, fato que é preciso ser reconhecido.

Referências

CAMBI, Franco. Os teóricos do ativismo: Decroly, Claparède, Ferriere e Montessori. In: CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Unesp, 1999.

FASSA, Maria Elizabeth Gastal. **Coleção Grandes Educadores Maria Montessori**. [vídeo-documentário]. Produção de ATTA Mídia e Educação, 2011. 1 DVD.

FRANCO, Maria A. Santoro; LIBÂNEO, José Carlos; PIMENTA, Selma Garrido. As dimensões constitutivas da Pedagogia como campo de conhecimento. **Educação em Foco**, ano 14, n. 17, p. 55-78, jul. 2011. Disponível em: <www.uemg.br/openjournal/index.php/educacaoemfoco/article/.../138>. Acesso em: 20 jun. 2013.

GIORDANI, Estela Maris. Relações interdisciplinares na pedagogia: Piaget e Montessori. **Revista Educação**, v. 25, n. 1, jan./jun. 2000. ISSN *on-line* 1984-6444. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reveducao/article/view/4781>>. Acesso em: 20 jun. 2013.

HOFSTATTER, Carla Regina. **O espaço escolar como “forma silenciosa de ensino”**: análise do Centro Educacional Menino Jesus em Florianópolis/SC (1973-2006). PPGGE, 2012. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação).

KRAMER, Rita. **Maria Montessori: a biography**. [s.l.]: Capricorn Books, 1976.

LAR Montessori. Disponível em: <<http://larmontessori.com/page/5/>>. Acesso em: 20 jun. 2013.

LELIS, Isabel; PAULA, Vera de. Entre o sonho e a realidade, a trajetória de Sofie. In: TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LOPES, José de Sousa Miguel (Org.). **A mulher vai ao cinema**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 296 p. ISBN: 978-85-7526-164-4.

MONTESSORI, Maria. **Pedagogia científica**: a descoberta da criança. Tradução de Aury Azélio Brunetti. São Paulo: Flamboyant, 1965.

_____. **Pédagogie scientifique**: la découverte de l'enfant. Paris: Desclée de Brouwer, 1952. Introduction de Mario M. Montessori. Texte français de Georgette J. J. Bernard.

MÍDIA sem máscaras. Disponível em: <<http://www.midia-semmascara.org.>>. Acesso em: 20 jun. 2013.

NOVA, Vera Casa; MAIA, Andréa Casa Nova. Rosa Luxemburgo: o filme – entre o corvo e o búfalo. In: TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LOPES, José de Sousa Miguel (Org.). **A mulher vai ao cinema**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 296 p. ISBN: 978-85-7526-164-4.

RÖHRS, Hermann. **Maria Montessori**. Tradução de Danilo Di Manno de Almeida e Maria Leila Alves. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2010. 142 p. (Coleção Educadores).

_____. Maria Montessori: a criança e sua educação. In: TARDIF, Maurice. **A pedagogia**: teorias e práticas da antiguidade aos nossos dias. 2. ed. rev. e atual. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 201-217. ISBN: 078-85-326-2426-0.

SAVIANI, Demerval. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. (Coleção Memória da Educação).

TAVARELLI, Gianluca Maria. **Maria Montessori: uma vida dedicada às crianças**. Título original: *Maria Montessori: una vita per i bambini*. Direção: Gianluca Maria Tavarelli. País de origem: Itália. Gênero: Drama. Tempo de duração: 108 minutos. Ano de lançamento: 2007.

TEZZARI, Mauren Lúcia. **Educação Especial e ação docente: da medicina à educação**. Porto Alegre: 2009. 235 f. Tese (Doutorado em Educação).

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A formação social da mente**. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WIKIPEDIA Enciclopédia Livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_Montessori>. Acesso em: 20 jun.